

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
Série 2.^a – Ciências Sociais
Volume 5

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
E
OCTÁVIO IANNI
do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento [CEBRAP]

HOMEM
e
SOCIEDADE

leituras básicas de sociologia geral

14^a edição

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

capa de
FRANCISCO GAYA SOLERA

Direitos reservados
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Distribuição e promoção:
Rua Joli, 294 – Fone: 291-2355 (PABX)
Caixa Postal 5.312 – CEP 03016 – São Paulo, SP – Brasil

1984
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Introdução 1

PRIMEIRA PARTE

OS SISTEMAS SOCIAIS

→ Conceito de sociologia (Florestan FERNANDES)	25
→ Organização social e estrutura social (Raymond FIRTH)	35
→ O conceito de sistema social (Talcott PARSONS)	47
Os componentes dos sistemas sociais (Talcott PARSONS)	56
→ Socialização (Marion J. LEVY JR.)	60
→ Papel e sistema social (Talcott PARSONS e colaboradores)	63
→ "Status" social e papel social (Eugene L. HARTLEY e Ruth E. HARTLEY)	69
→ Características do "status" social (E. T. HILLER)	75
A noção de valor cultural (Florian ZNANIECKI)	88
→ Normas sociais: características gerais (Ferdinand TÖNNIES)	92
O indivíduo, a cultura e a sociedade (Ralph LINTON)	98
O conceito de personalidade básica (Abram KARDINER)	103

SEGUNDA PARTE

A INTERAÇÃO SOCIAL

→ A interação social (Talcott PARSONS e Edward A. SHILL)	125
O indivíduo e a diáde (Georg SIMMEL)	128
O contacto social (Leopold von WIESE e H. BECKER)	136
Isolamento social (Karl MANNHEIM)	153
Comunicação e contacto social (Edward SAPIR)	161
O significado da comunicação para a vida social (Charles H. COOLEY)	168
Os símbolos e o comportamento humano (Leslie A. WHITE)	180
Os símbolos sociais (Georges GURVITCH)	193

TERCEIRA PARTE

OS PROCESSOS DE INTERAÇÃO SOCIAL

→ <i>Processo social</i> (Max LERNER)	205
<i>Os processos de interação social</i> (Leopold von WIESE)	212
→ <i>Espaço social, distância social e posição social</i> (Pitirim A. SOROKIN) ..	223
<i>O tempo sócio-cultural — Características preliminares do tempo sócio-cultural</i> (Pitirim A. SOROKIN)	231
<i>Cooperação, competição e conflito</i> (William F. OGBURN e Meyer F. NIMKOFF)	236
<i>Acomodação e assimilação</i> (William F. OGBURN e Meyer F. NIMKOFF) ..	262
<i>O impacto dos processos sociais na formação da personalidade</i> (Karl MANNHEIM)	285
<i>A ideologia em geral</i> (Karl MARX)	304

Introdução.

ESTE LIVRO não é uma antologia no sentido tradicional da expressão. Não escolhemos os textos clássicos sobre um conjunto de problemas para que fossem traduzidos. É possível que algumas das leituras selecionadas possuam as qualidades de um texto clássico, mas não foi a excelência do conteúdo ou da forma literária que nos levou a selecioná-las. Tivemos apenas a intenção de ajudar a preencher uma velha necessidade do ensino de sociologia no nível introdutório. Por esta razão, guiamos nossa escolha tendo em vista um conjunto de problemas essenciais que devem ser esclarecidos em qualquer curso de iniciação em nível superior. As leituras capazes de cumprir esta função precisavam ser relativamente simples e claras, sem, entretanto, desfigurar a matéria e faltar com a precisão necessária à ciência. Daí o caráter deste livro: nem bem um manual escrito com textos alheios, nem bem uma antologia.

Estamos persuadidos da necessidade da radicação completa no Brasil do procedimento científico no trato dos problemas da sociedade. Para isto a formação de pessoal capaz de produzir e consumir a ciência é primordial. Uma das barreiras centrais, tanto para a preparação de professores de sociologia e de especialistas na matéria, como para o ensino de sociologia no curso normal e nos cursos superiores que exigem rudimentos desta disciplina, é a dificuldade de acesso à bibliografia especializada. Esta dificuldade decorre de que os textos básicos desta disciplina na sua maioria não foram escritos em português, o que impõe o conhecimento de outras línguas como condição prévia para o aprendizado de sociologia. Além disso, mesmo para os que lêem outras línguas (condição fundamental para quem deseja real-

nativas em diferentes direções, torna-se agora um assunto resolvido, com as potencialidades dadas numa orientação específica. O tempo entra também como um fator no desenvolvimento das implicações da decisão e ação conseqüente. As formas estruturais colocam um precedente e supõem uma limitação ao alcance das alternativas possíveis — os limites dentro dos quais a aparente livre escolha é possível são muitas vezes restritos. Mas é a possibilidade de alternativas que permite variabilidade. Uma pessoa escolhe, consciente ou inconscientemente, o curso que seguirá. E sua decisão afetará a futura composição estrutural. Neste aspecto da estrutura social se encontra o princípio de continuidade da sociedade; no aspecto da organização se encontra o princípio de variação ou mudança — que permite a avaliação da situação e a escolha individual.

O conceito de sistema social*

TALCOTT PARSONS

ESTE ARTIGO trata do problema das relações entre a psicologia e a sociologia, enquanto disciplinas teóricas. Entretanto, é bom que fique claro desde o início que o nosso ponto de vista é muito específico. O autor é um sociólogo cuja preocupação principal não é responder à questão de quais têm sido as contribuições da psicologia para a sociologia, mas que procura estabelecer um quadro de referência em função do qual se possa estudar, do ponto de vista sociológico, o estabelecimento de relações profícuas entre as duas disciplinas. O problema central, portanto, é determinar as condições ideais de ajustamento entre dois esquemas teóricos de tal maneira que possa ser tão útil quanto possível para ambos. A perspectiva sociológica, pela qual essas questões são discutidas, acarretará inevitavelmente algumas críticas das tendências da psicologia no passado, assim como de algumas das suas tendências atuais. Algumas posições da sociologia também serão criticadas, ainda que em grau menor. Aliás, caso se tratasse de um psicólogo escrevendo sobre sociologia poder-se-ia esperar o contrário. O leitor, portanto, deve ter claro para si que a finalidade deste artigo não é a de uma avaliação da teoria psicológica em geral, mas de uma avaliação de diferentes tendências em vista de um propósito específico. A importância desta função particular da psicologia em relação às outras é um problema no qual não nos poderemos deter aqui.

Falar em "psicologia" e em "sociologia" envolve certo grau de abstração. Ambas são disciplinas em rápido desenvolvimento nas quais podemos encontrar diversas tendências de pensamento.

(*) "Psychology and Sociology", por Talcott PARSONS, in *For a Science of Social Man*, organizado por John GELIN, The Macmillan Company, Nova York, 1954, págs. 67-74. Trad. de Gabriel Bolaffi.

Nenhum autor pode falar por todo o seu setor profissional. Mas o elemento "pessoal" pode influir de diferentes maneiras, entre as quais eu gostaria de distinguir duas. Num artigo como este, é possível tentar uma discussão crítica das principais tendências atuais da teoria sociológica para, em seguida, determinar o papel da psicologia com relação a cada uma delas. Por outro lado, também é possível partir de uma posição específica, não importa qual seja, mas que, em contraposição à psicologia, será claramente sociológica, discutindo todo o problema a partir deste último ponto de vista. Neste artigo, adotarei esta segunda possibilidade, não só por uma questão de espaço, mas também pela minha maior familiaridade com os problemas de um tipo particular de teoria sociológica, no qual venho trabalhando pessoalmente. Cabe lembrar ao leitor, portanto, que um sociólogo cujas posições sejam diferentes das minhas poderá ver de outra maneira o problema de suas relações com a psicologia. Assim sendo, o título deste artigo não o define claramente e sua forma completa deveria ser: "Alguns problemas sobre as relações entre a psicologia e a sociologia do ponto de vista de *um tipo particular* de teoria sociológica".

3 A sociologia é uma ciência que se relaciona claramente com a observação e a análise do comportamento social humano, isto é, a interação da pluralidade de seres humanos, com as formas assumidas por suas relações e a variedade das condições e determinantes destas formas, assim como com as mudanças nelas ocorridas. A psicologia relaciona-se tradicionalmente com o comportamento do "indivíduo", ainda que uma grande parte do comportamento individual se verifique em relação com outros indivíduos. Naturalmente, algumas vezes ocorre uma intersecção ainda maior, como acontece quando um "psicólogo social" se ocupa com o comportamento das massas, com a formação da opinião pública etc. A distinção que aqui caberia fazer, se realmente pode ser feita, não deve ser colocada em termos de um estudo de fenômenos concretos diferentes, mas da diferença de abstração básica ou da análise em nível diverso dos dados relacionados com estes fenômenos¹.

(1) Portanto, afirmar que o estudo da opinião pública é objeto da psicologia mas não da sociologia, significa afirmar que a sociologia não pode estudar a interação social, o que por sua vez equivale à negação da sua possibilidade de existência como disciplina particular.

4 Segundo o nosso ponto de vista, a teoria sociológica deve focalizar certos aspectos da estrutura e dos processos que se verificam nos sistemas sociais. Por sistema social, entendo o sistema constituído pela interação direta ou indireta de seres humanos entre si. Por outro lado, a psicologia eu a relaciono, em primeiro lugar, com certos processos elementares do comportamento, como aprendizado e conhecimento, os quais, por mais que possam ser concretamente envolvidos na interação social, podem ser isolados do seu processo para um estudo especial. Em segundo lugar, a psicologia pode ser relacionada com a organização dos componentes do comportamento que constituem a personalidade do indivíduo: o sistema de comportamento de um organismo vivo particular e específico².

5 Esta maneira de definir as relações das duas disciplinas teóricas possui certas implicações que devem ser tornadas explícitas. Sua referência comum é o comportamento³. Mas é o comportamento estudado e analisado em termos de um quadro de referência comum que alguns sociólogos intitulam de perspectiva da "ação". Ela estuda e categoriza o comportamento do organismo, sem focalizar a sua estrutura e processos internos. Neste sentido, comportamento ou ação é um modo de relação entre um "ator", isto é, um organismo ou uma coletividade socialmente organizada, e uma situação que pode ser concebida como um sistema de objetos dos quais os mais importantes são "objetos sociais", isto é, outros atores. Portanto, a perspectiva da ação nos conduz diretamente para a concepção de interação social. São as relações entre a organização dos componentes da ação-interação em torno do organismo individual como ator, por um lado, e o sistema constituído pela interação de uma pluralidade de indivíduos, por outro, que constituem o fulcro dos problemas apresentados neste artigo. O postulado fundamental do qual decorre esta análise é que estes sistemas de referência

(2) Esta definição foi formulada tendo em vista o problema da localização do centro de gravidade teórico da psicologia, no seio da família das ciências da ação. Não pretende de maneira alguma descrever o campo de interesses dos psicólogos em toda a sua extensão. Em particular, não localiza a psicologia social. Esta última eu concebo como disciplina de "fronteira" entre a psicologia e a sociologia, da mesma maneira como a bioquímica se situa entre a química e a filosofia. Para uma discussão mais completa deste problema, veja-se minha obra *Sistema Social*, Capítulo XII.

(3) Pois o caso mais importante para nós é o comportamento humano, mas não é preciso se limitar ao caso humano.

são independentes e não mutuamente "reduzíveis". Em termos um pouco diferentes, o senso comum do psicólogo tende a sustentar que, se a ação é aceita como um quadro de referência, ele se relaciona com a ação de indivíduos (organismos) e a interação seria uma resultante que deve ser considerada pela extrapolação do nosso conhecimento da ação dos indivíduos. Por outro lado, o senso comum de alguns sociólogos sugere que a interação, como tal, constitui um sistema que está acima da ação dos indivíduos sobre a qual tem prioridade. Nossa posição na presente discussão é que ambos estão certos, na medida em que afirmam a existência de dois sistemas importantes, autênticos e independentes, mas nenhum dos dois tem prioridade sobre o outro, *nenhum dos dois fornece as premissas das quais se possa derivar as principais características do outro ou da ação em geral*. Poderíamos afirmar, isto sim, que cada um dos sistemas fornece algumas premissas para uma teoria geral da ação.

6 Parte da dificuldade histórica em reconciliar estas duas posições decorre da tendência de ambos os lados da controvérsia de contrapor o indivíduo à sociedade, e em identificar o conceito de sociedade com o de sistema social. Este é um engano grave, na medida em que obscurece o fato de que *todo* processo de interação entre indivíduos pode constituir um sistema social. Evidentemente, uma comissão, um grupo de trabalho ou uma família, não constituem, no sentido usual, uma sociedade. Mas é evidente também que para os fins da teoria sociológica, constituem sistemas sociais. Uma sociedade não é somente um sistema social, mas também uma rede muito complexa de subsistemas inter-relacionados e interdependentes, cada um dos quais constitui de per si um outro sistema social autêntico. É desta perspectiva que eu pretendo tratar o problema das relações entre personalidade e sistema social⁴.

7 Uma implicação desta perspectiva emerge imediatamente. Se o problema é o do indivíduo em oposição à sociedade, é fácil imaginar que a "unidade" da sociedade é o próprio indivíduo. Porém, se tomamos em consideração o subsistema, que algumas vezes é tratado por "grupo", então o indivíduo total concreto não

(4) O correspondente psicológico para sistema social, portanto, deveria ser "sistema motivacional", ou outro conceito análogo, e não "personalidade" que corresponde a "sociedade".

pode ser a unidade social, pelo simples fato das suas múltiplas participação e filiação. É o papel ou o *status*-papel de um indivíduo que se torna a unidade do grupo, isto é, da estrutura do sistema social. Uma consideração tão simples e óbvia como esta, se levada em conta sistematicamente, modifica de maneira fundamental as perspectivas tradicionais do problema personalidade-sistema social.

8 Entretanto, outro aspecto do quadro de referência geral da ação deve ser brevemente discutido antes de prosseguirmos. Ação, afirmamos acima, é um modo de relação entre um organismo vivo e um conjunto de objetos num meio ou numa situação dada. Daí podemos concluir que do nosso quadro de referência decorre que o significado básico dos objetos envolvidos numa ação resulta da sua significação para um ator. *Significar* pode ser visto com diversos matizes e aspectos, mas, aqui, nos referimos aos níveis simbólicos de significação. Isto pode ser compreendido como uma implicação de que os significados não são "particularizados", porém organizados em sistemas. Portanto, um objeto específico envolvido numa situação de ação é significativo, isto é, "possui um sentido" em função da posição que ocupa no quadro organizado do "sistema de significação", e não simplesmente de acordo com o impacto isolado e imediato que pode provocar. É isto que queremos dizer quando nos referimos ao seu significado como "simbólico". Por conseguinte, em virtude destas relações, os objetos podem ser inter-relacionados uns com os outros em complexos de significado, de maneira tal que um objeto pode vir a "substituir" outros, ou mesmo o complexo como um todo. Em outros termos, um objeto pode simbolizar outros objetos.

9 O elemento distintivo da estrutura dos sistemas de ação é a organização recíproca e padronizada dos significados dos objetos; e é por isto que a "orientação" com relação aos objetos se torna determinadamente estabilizada. É a isto que nos referimos quando afirmamos que a ação é organizada "culturalmente", que numa personalidade, enquanto considerada como um sistema, há uma cultura *internalizada* e que num sistema social a *institucionalização* corresponde à internalização na personalidade. De certa maneira, portanto, a cultura é analiticamente independente

da sua "incorporação" em sistemas de ação, em primeiro lugar porque pode ser abstraída do comportamento real e considerada apenas como um complexo de padrões; em segundo lugar, porque pode ser transmitida de um sistema de ação para outro: pelo aprendizado, entre personalidade, e por difusão, entre sistemas sociais. Portanto, é necessário acrescentar o aspecto ou a "dimensão" cultural àqueles do sistema social e da personalidade a fim de completar o quadro de referência para a análise do comportamento interativo em termos da ação.

10 Uma vez estabelecidas estas premissas, é possível agora dizer alguma coisa sobre a natureza da articulação entre as personalidades consideradas como sistemas e os sistemas sociais, que possa constituir um guia para a análise das relações teóricas entre as duas disciplinas da teoria psicológica e sociológica. Os dois sistemas são aqui concebidos não só como sendo interdependentes, mas também *interpenetrantes* num sentido específico. Qualquer sistema social, isto é, sistema de interação de uma pluralidade de indivíduos, envolve um setor do comportamento de cada um dos atores componentes, e por conseguinte envolve também um setor da sua personalidade. Com o propósito de conceptualizar o sistema social, este setor é concebido como um papel, que no conjunto de situações definidas pela sua participação no grupo ou no sistema interativo por um período suficientemente longo de tempo, constitui uma série de comportamentos esperados ou padronizados, não de um único tipo, mas de um padrão de tipos que variam de acordo com o desenvolvimento da situação interativa. Nestes tipos padronizados de comportamento se incluem também certas fases nas quais o indivíduo não está efetivamente participando das atividades deste grupo particular. É o que acontece quando um indivíduo, por estar em casa, não interage com seus companheiros de trabalho, sem que sua participação no grupo de trabalho deixe de continuar constituindo um aspecto importante da sua personalidade. A isto, chamaríamos de fase de "latência" do seu papel profissional.

11 Esta participação não constitui uma atividade desordenada, mas, muito pelo contrário, é estruturada e organizada. Como parte do sistema de personalidade, ela tem de ser motivada no sentido da regularização e da estabilização do padrão de ativi-

dade, de tal maneira que não se choque com outros elementos. Ademais, ela deve estar-se adaptando continuamente ao desenvolvimento da situação interativa, e especialmente aos atos dos outros membros do sistema interativo. Os comportamentos do "ego" são, portanto, interdependentes com as "sanções" do "alter" e é esta interdependência que entendemos por *processo* do sistema interativo.

12 Ao mesmo tempo, cada um dos outros membros do sistema interativo ou grupo constitui um objeto para o "ego", assim como ele, neste papel (ou em outros), constitui para si mesmo. Cada um possui qualidades das quais o *status* no grupo é um dos aspectos mais importantes. Neste aspecto, cada objeto no grupo possui um significado para o "ego", constituindo símbolo ou um complexo de símbolos. Da reciprocidade ou complementaridade das orientações decorre então que o sistema interativo, enquanto sistema, necessita, como condição de estabilidade, uma padronização determinada dos significados dos objetos e das orientações complementares. É a esta padronização relativamente estável dos significados que entendemos por "*cultura comum*" do sistema interativo.

13 A necessidade e a importância de uma cultura comum para um sistema interativo não implica que ele seja "estático", que "nada aconteça" ou que uma mudança de estado seja impossível. Significa apenas que as características de cada ato e cada situação em transformação não são determinantes do processo, mas que o processo é *organizado* com relação a estas características e que, no quadro de referência da ação, a significação do conceito organização envolve a padronização das relações entre o símbolo e o seu significado. Ao mesmo tempo, o sistema interativo, enquanto sistema, não pode ser determinado somente por estes padrões significados, pois está sujeito a exigências adaptativas e integrativas, isto é, a condições decorrentes da natureza das situações e das unidades-atores de que se compõe. Então, como resultante de sua padronização cultural e das exigências integrativas do sistema e, finalmente, das forças motivadoras envolvidas, o sistema de interação, em qualquer tempo dado, possui uma estrutura determinada. Ele possui partes — as unidades-papel — que se ligam entre si por relações rela-

tivamente determinadas e que constituem pontos de referência, canais de atuação e fontes de sanções.

14 Ora, foi afirmado acima que o sistema de interação social e o sistema de personalidade são interdependentes. No mais microscópico dos níveis, onde as unidades relevantes constituem papéis de atores individuais e não de coletividades, a unidade-papel do sistema de interação é efetivamente um setor da personalidade enquanto sistema. Em virtude desta interpenetração dos dois sistemas, sua interdependência deve possuir certas características especiais, isto é, deve estar sujeita a certa coação. Na medida em que, por constituírem sistemas diferentes, eles estão subordinados a complexos distintos de existências adaptativas e integrativas, podemos afirmar que o foco destas coações resulta da presença da cultura comum. Os padrões dos significados-símbolos, ou seja, os padrões constitutivos da estrutura de um sistema de interação, numa situação estável, também devem ser constitutivos dos sistemas de personalidade que o interpenetram. A cultura comum não deve meramente ajustar-se "sobre as fronteiras" das personalidades constituintes do sistema de interação, mas penetrar *dentro* destas mesmas personalidades. É a isto que se refere o aforismo de DURKHEIM, "a sociedade existe somente na mente dos indivíduos".

15 Agora podemos compreender mais claramente a natureza da independência do sistema de personalidade com relação aos sistemas sociais. Para cada indivíduo o organismo vivo é único e individual sob dois aspectos. Em primeiro lugar, constitui a fonte de energia motivadora da sua ação e como tal não pode ser repartido com mais ninguém. Em segundo lugar, seu corpo, enquanto sujeito, constitui um e um só instrumento de ação, assim como, enquanto objeto, constitui um alvo único das reações. Ele possui qualidades e capacidades de atuação sobre as quais exerce um monopólio natural. Estas características do seu corpo servem tanto para identificá-lo a outros, como pelo sexo, pela idade e inteligência, quanto para distingui-lo, e muito. Nesta altura da exposição, não nos devemos esquecer que a localização física do corpo de uma pessoa determina condições muito específicas para a sua ação. Por exemplo, se ela mora em Boston, somente poderá assistir a uma conferência em Nova York, se

transportada de um lugar para outro. Nestes dois aspectos fundamentais, cada personalidade é singular, isto é, um sistema independente de qualquer outro, porque cada organismo é um sistema delimitado diferente.

16 Entretanto, ainda há uma terceira fonte fundamental da independência da personalidade enquanto sistema. Ela deriva simplesmente das participações-papel no sistema social. Em qualquer sistema de interação social dado, é impossível encontrar dois participantes exatamente no mesmo papel, pois estes sistemas constituem sistemas diferenciados. Isto significa que a autodefinição de um membro como um objeto, em relação a outros objetos, deve ser diferenciada daquela dos outros participantes. Suas relações mútuas somente podem ser idênticas no caso limite de um sistema perfeitamente simétrico. Um segundo aspecto da participação pode ser inferido do fato de a sociedade ser constituída por uma rede complexa de subsistemas de interação social, e principalmente porque, num certo sentido, cada indivíduo dado participa de uma combinação específica desses subsistemas. Assim, enquanto na nossa sociedade tanto o marido quanto a esposa participam da família, ainda que por papéis diferenciados, a esposa não participa do sistema de interação profissional do marido, a não ser com um papel muito periférico. Inversamente, cada um dos maridos que participa de um mesmo grupo profissional, é membro de sistemas diferentes na esfera familiar. A estrutura desta participação-papel varia de sociedade para sociedade, mas o fato básico da participação diferenciada constitui um fundamento da estrutura social com implicações profundas para a teoria da personalidade. Finalmente, as duas fontes de diferenciação de personalidade que citamos acima, relativamente à participação em sistemas sociais, são compostas por uma terceira, isto é, a ocorrência de uma diferenciação, segundo a capacidade de participação social de cada indivíduo, durante a história de vida. Alguns padrões de sucessão através das etapas do ciclo de vida, são altamente estandardizados. Mas outros dão margem a uma ampla variação, de tal maneira que os resultados cumulativos das participações-papel prévias agem mais no sentido de diferenciar os indivíduos do que de aproximá-los dos tipos estandardizados.